

instituição

Mestrado em Língua, Cultura Portuguesa e Didáctica Incentivar a leitura

Carina Ramos



Ana Teresa Neto

Aprender a Ler. Lendo, Ouvindo, Compreendendo e Memorizando – As competências de leitura em alunos do 9º ano: um estudo de Caso, foi o título escolhido para a tese apresentada pela agora mestra Ana Teresa da Silva Neto na Biblioteca da UBI.

A dissertação de mestrado, apresentada no dia 15 de Janeiro, tem como objectivo demonstrar que “nos processos de leitura é muito importante a atenção e a memória”, através da exemplificação de um “estudo de caso com alunos do

9º ano”, adianta a autora. Ana Teresa Neto chegou à conclusão que há que desenvolver a “compreensão leitora, ensinando mecanismos de desconstrução do texto, nomeadamente do seu significado”. Sendo assim, a obra inscreve-se numa didáctica da leitura.

Professora de Língua Portuguesa há 16 anos, e há 11 a leccionar na Escola Básica 2/3 Visconde Germanha, na Tapada das Mercês, em Sintra, fala do facto de “sentir na pele e no terreno as dificuldades que os alunos têm na compreensão dos textos, mais concretamente na questão de extrair significado”. A autora considera também que, apesar de os seus alunos não lerem em casa, “porque mesmo que tenham interesse, não têm dinheiro”, falando da situação específica da escola onde trabalha, “o contacto com o livro, seja ele em suporte de papel ou via virtual, só é feito na escola”. Este contacto é promovido por iniciativas que têm lugar na instituição onde trabalha, “e que têm a ver com o apanágio do livro, com o amor pela leitura e com o crescimento conseguido após a construção leitora”. Devido a estas iniciativas, “é notório

que há cada vez mais a paixão pelo livro e pelo saber em geral”.

O estudo pretende ainda mostrar como “a língua materna é o ponto onde se cruzam as aprendizagens de várias matérias”. O aluno sendo um “bom leitor terá mais sucesso nas outras disciplinas e também na disciplina de português”. Por outro lado, o “acto de ler torna o ser humano um cidadão reflexivo, activo e interventivo no mundo”.

Ana Teresa Neto, afirma ainda que “o estudo pessoal feito não se cingiu ao mestrado”, porque já há muitos anos que fazia pesquisas, mas foi isso que motivou a deslocação à UBI para a sua realização.

Emília dos Santos Pedro, professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Maria Antonieta Gomes Baptista Garcia, professora auxiliar da UBI, Paulo Osório (orientador da dissertação), professor auxiliar da UBI e João Malaca Casteleiro, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, este como arguente, foram os membros do júri que aprovou a tese com a classificação de Bom com distinção.

Mestrado em Matemática

Respostas aos itens

Um estudo baseado em registos feitos através das respostas dadas a vários itens serviu de base a uma dissertação em Matemática apresentada por Patrícia Dinis Mota da Costa. Sob o título “Modelos de resposta ao item”, a autora começou por “trabalhar várias tabelas com resultados estatísticos”. Este tipo de teoria, que serve essencialmente “para a criação de escalas de desempenho”, começou por ser utilizado “na matemática e noutras disciplinas basilares”, adianta Patrícia Costa. A mesma refere que neste momento “a resposta ao item é aplicada na medicina, na



Patrícia Costa

economia e em muitas áreas”.

O método de trabalho da resposta ao item consiste em “fazer o trata-

mento estatístico dos dados recolhidos para depois se criarem escalas que têm inúmeras aplicações”. Segundo Patrícia Costa, este estudo é pioneiro no nosso País, “sobretudo nestes moldes”. A tese está a ser aplicada no projecto de investigação denominado, “Eficácia escolar em matemática”, que funciona no Departamento de Matemática da UBI.

A prova teve como júri Pedro Nuno Pinto de Oliveira, professor associado da Universidade do Minho, Manuel Loureiro, Maria Eugénia Barbosa e Célia Nunes, professores auxiliares da UBI. **E.A.**

Mestrado em Engenharia do papel

Efeitos do ião cálcio

Rafael Gomes



Susana Fernandes

Foi com a classificação de “muito bom” que, no dia 20 de Janeiro, a

licenciada e agora mestre Susana Fernandes viu aprovada a sua tese de mestrado em Engenharia do Papel.

“O efeito do ião cálcio dissolvido, da alcalinidade do pH e da temperatura na colagem interna com ASA em pastas de Eucalyptus Globulus” foi fruto de um ano de trabalho e investigação laboratorial. Caracterizada pela complexidade da temática, a tese explora a “importância da colagem interna com ASA” no tratamento de papel e o “aumento da resistência da penetração de líquidos no papel de escritório” como

explica a Susana Fernandes.

O júri da prova, constituído por Ana Paula Duarte, professora associada da UBI e Paulo Ferreira, professor auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, mostrou bastante agrado pelo trabalho desenvolvido por Susana Fernandes, ao qual se referiu como “uma tese bem estruturada e esteticamente bem conseguida” enaltecendo a “qualidade de investigação” assim como “o trabalho exaustivo e rigoroso” associado a esta.

ponto de vista

Foi aqui que pediram mais um choque?

> José Ricardo Carvalheiro

Inserida numa tendência de qualificação geral do país, a Covilhã é hoje sociologicamente muito diferente do que era há 25 anos. Os residentes com um grau de ensino superior multiplicaram-se por sete no concelho, sendo agora um em cada 20 adultos, quando em 1980 eram um em 130. O peso das profissões mais qualificadas na população activa duplicou em cada década, crescendo de 2% para 4% ao longo dos anos 80 e passando de 4% para 8% durante os anos 90. A atmosfera da cidade transformou-se particularmente, porque além dos residentes há outros frequentadores do ensino universitário, que irriga uma pequena cidade de província com jovens do norte, do sul, do litoral, das ilhas, de África e da Europa. Está por estudar o impacto da universidade na mobilidade social e falta apurar se ela está a produzir um movimento de democratização do ensino superior para as famílias operárias, a classe cujos filhos têm por regra menor sucesso escolar. Mas são visíveis a olho nu os casos de ascensão social fulgurante em apenas uma geração. Note-se que o núcleo urbano da Covilhã era particularmente desqualificado em matéria de pessoas com instrução superior (em 1980 não chegavam a um terço da média das cidades portuguesas). Se olharmos para trás apercebemo-nos de que tem sido um verdadeiro choque sociológico.

Mas mesmo os choques mais abruptos demoram a causar mudanças de fundo e nada garante que a progressão académica cause, por si só, a qualificação da economia regional. Os números mostram que o nível educacional tem avançado muito mais depressa que a qualificação do emprego. A posição relativa quase não mudou, mesmo à escala regional: o peso das profissões intelectuais e científicas na população activa está hoje mais distante do de Castelo Branco do que estava há duas décadas. E, se descontarmos o peso da própria universidade como empregadora, é fácil concluir que o défice de qualificação da economia continua entre nós.

O momento é, pois, de viragem obrigatória. A questão é como converter o capital académico em novo modelo económico? De certa forma, todo o país pergunta o mesmo. O governo prescreveu uma receita: o choque tecnológico. A UBI, o município e outros parceiros estão no terreno, procurando criar um parque empresarial baseado em *know-how* e tecnologia avançada. Será a única via. Difícil, mas a única.

Difícil porque uma economia qualificada tem de medir a sua competitividade com países que têm 24% de licenciados na população activa, a média da OCDE. Difícil porque, na luta pela localização de investimentos, as cidades do interior têm sérias desvantagens no quadro nacional. Difícil porque mesmo na Europa o “ascensor social” que era educação superior entrou em *panne* e é cada vez mais difícil assegurar aos jovens formados postos de trabalho condizentes com as suas habilitações. Mas não impossível, porque há um factor que nunca existiu no passado: profissionais com formação superior em várias áreas e que estão dispostos a trabalhar aqui.

O que o Parkurbis conseguir vai determinar, provavelmente, o perfil socio-económico da Covilhã no futuro. Se bem sucedido, pode imaginar-se que daqui a outros vinte e cinco anos teremos uma economia regenerada. Se mal sucedido, prosseguirá a cidade exportadora dos recursos humanos que forma. E empregará uma parte dos licenciados em empregos indiferenciados dos centros comerciais, concretizando a *panne* do ascensor social à escala local. Então, venha o choque.

O momento é, pois, de viragem obrigatória. A questão é como converter o capital académico em novo modelo económico? De certa forma, todo o país pergunta o mesmo. O governo prescreveu uma receita: o choque tecnológico.